

# O potencial do *rugby* para o desenvolvimento de habilidades para a vida

The potential of rugby for life skills development

El potencial del rugby para el desarrollo de habilidades para la vida



**Vitor Ciampolini**

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
vciampolini@gmail.com



**Juarez Vieira do Nascimento**

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
juarez.nascimento@ufsc.br



**Michel Milistetd**

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
michel.milistetd@ufsc.br

**Resumo:** Este estudo objetivou compreender a percepção de praticantes de *rugby* sobre o potencial da modalidade para o desenvolvimento de habilidades para a vida. Foram entrevistados sete participantes com idade média de 39,9 anos ( $\pm 10,7$ ) e tempo médio de envolvimento na modalidade de 22,3 anos ( $\pm 5,9$ ). Os resultados sugerem diversos aspectos positivos do *rugby*, como a receptividade a novos praticantes, as demandas de coletividade do jogo, a socialização no terceiro tempo, o convívio no clube e as regras de comunicação com a arbitragem. Contudo, também se identificou o trote com os novatos e determinadas orientações dos treinadores em treinos e competições. Foi possível constatar também que a prática

do *rugby* contribuiu para o desenvolvimento da disciplina, pontualidade, controle emocional, paixão e trabalho em equipe.

**Palavras-chave:** Esportes. Valores. Desenvolvimento Humano. Cultura.

**Abstract:** This study aimed to understand rugby players' perception of the sport's potential for life skills development. We interviewed seven participants with an average of 39.9 ( $\pm$  10.7) years of age and an average involvement in rugby of 22.3 years ( $\pm$  5.9). The results suggest several positive aspects of rugby, such as welcoming new players, collective demands of the sport, social gatherings after the matches, socializing in the club, and the rules of communication with the referee. However, hazing novice players and negative conduct of coaches during training and competitions were also identified. We also identified that rugby contributed to developing discipline, punctuality, emotional control, passion, and teamwork.

**Keywords:** Sports. Values. Human Development. Culture.

**Resumen:** Este estudio tuvo como objetivo comprender la percepción de los practicantes de rugby sobre el potencial del deporte para el desarrollo de habilidades para la vida. Se entrevistaron siete participantes con una edad media de 39,9 años ( $\pm$  10,7) y un tiempo medio de participación en la modalidad de 22,3 años ( $\pm$  5,9). Los resultados sugieren varios aspectos positivos del rugby, como la receptividad a los nuevos jugadores, las exigencias colectivas del juego, la socialización después de los partidos, la socialización en el club y las reglas de comunicación con el árbitro. Sin embargo, también se identificaron trotes con novatos y ciertas orientaciones negativas de entrenadores en entrenamientos y competencias. Fue posible identificar que la práctica del rugby contribuyó al desarrollo de la disciplina, la puntualidad, el control emocional y el trabajo en equipo.

**Palabras clave:** Deportes. Valores. Desarrollo Humano. Cultura.

Submetido em: 2022-03-07

Aceito em: 2022-05-10

“Rugby, formando caráter desde 1823”.  
World Rugby

## INTRODUÇÃO

A data na epígrafe deste estudo refere-se ao ano em que o jovem britânico William Webb Ellis, que, praticando na escola um jogo parecido com o futebol, teria apanhado a bola com as mãos e corrido em direção à meta adversária – ato que não era permitido nas regras daquele jogo e que daria origem ao *rugby*<sup>1</sup> (DUNNING; SHEARD, 2005). Desde sua origem até 1995, o *rugby (union)*<sup>2</sup> foi internacionalmente um esporte amador que não permitia remuneração aos atletas de rendimento e que, por consequência, traz consigo, até hoje, um conjunto de princípios éticos<sup>3</sup> e valores que revestem as práticas, tradições e regras da modalidade (RYAN, 2009). De fato, existem diversos marcos históricos vinculados ao *rugby* que representam alguns elementos de seus princípios éticos e valores.

Por exemplo, devido ao grande número de britânicos praticantes de *rugby* que se alistaram na Primeira Guerra Mundial, o *rugby* foi promovido como modalidade praticada por homens leais e dispostos a se sacrificar pelo próprio país (RAYNER, 2015). Após o apartheid, Nelson Mandela utilizou a equipe Sul-Africana de *rugby* durante o mundial sediado no próprio país como uma plataforma para promover uma mudança social e política e reconciliar a nação (SUGDEN, 2010). Além disso, o *rugby* conta com uma tradição em que ambas as equipes se juntam para uma confraternização, praticamente obrigatória, após o término das partidas – chamada de “terceiro tempo”, como forma de celebrar o respeito e a camaradagem entre os jogadores (DUNNING; SHEARD, 2005). Por

1 Apesar da existência do termo “rúgbi”, traduzido para o português do Brasil, este artigo optou por utilizar o termo em inglês – “rugby” – enquanto estrangeirismo, tendo em vista que todos os participantes deste estudo se referiram à modalidade dessa forma.

2 *Rugby union* é uma das duas variações do *rugby*. Neste estudo, o termo “rugby” refere-se ao *rugby union*.

3 Entende-se por princípios éticos as normas escritas (e não escritas) que orientam os costumes, o eixo moral e a cultura de determinado grupo ou sociedade.

fim, em 2009, a *World Rugby*, entidade internacional da modalidade, selecionou e institucionalizou cinco valores que representam os princípios éticos do *rugby* e contribuem para o desenvolvimento do caráter de seus praticantes, sendo eles: disciplina, respeito, integridade, paixão e solidariedade – chamados de DRIPS (WORLD RUGBY, 2014). Mesmo com os diversos aspectos positivos supracitados, estudos científicos identificaram práticas no *rugby* que parecem contrapor seus princípios éticos e valores ao exercer justamente o contrário (RIAL, 2011; ROMAND; PANTALÉON, 2007; SAOUTER, 2003).

Apesar de o terceiro tempo ser uma tradição que representa o respeito e a camaradagem do *rugby*, também foi dele que, por muitas décadas, as mulheres foram privadas de participar devido a algumas práticas que sugerem outra faceta da modalidade (CARLE; NAURIGHT, 1999; DUNNING; SHEARD, 2005; RIAL, 2011). Em um estudo etnográfico, Saouter (2003) relatou que no terceiro tempo existiam práticas de os jogadores mais velhos juntarem dinheiro para que os novatos pudessem ter relações sexuais com prostitutas. Os novatos também eram submetidos a trotes de ingresso à equipe adulta que normalmente envolviam passar por “brincadeiras” que divertiam os mais velhos, como ter a cueca puxada e o pescoço chupado pelos demais para que ficasse marcado (RIAL, 2011), assim como desfilar, encenar e dançar com roupas femininas (ALMEIDA, 2008). Além disso, o estudo de Romand e Pantaléon (2007), realizado com 16 treinadores franceses de *rugby*, indicou que a maioria considerava que a trapaça faz parte da competição e que, desde que não fosse visto pelo árbitro, seus atletas poderiam quebrar as regras e ter comportamentos agressivos com os adversários. Por essas particularidades, não se sabe até que ponto o *rugby* tem contribuído, de fato, para o desenvolvimento do caráter dos praticantes e em que medida os DRIPS são aprendidos e demonstrados em diferentes espaços da sociedade.

Nos últimos anos, pesquisadores têm utilizado o conceito de habilidades para a vida (HV) para investigar os valores, comportamentos e atitudes aprendidos no esporte e transferidos para outros contextos, como respeitar as pessoas, ser disciplinado, traba-

lhar bem em equipe, entre outros (CIAMPOLINI *et al.*, 2020; GOULD; CARSON, 2008). Atualmente, o modelo proposto por Pierce, Gould e Camiré (2017) é a principal proposta conceitual elaborada para detalhar o processo de desenvolvimento e transferência de HV. Tal modelo de transferência de HV parte da teoria bioecológica<sup>4</sup> (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006) e propõe que a pessoa traz consigo características biopsicossociais, é influenciada a partir da participação e das influências exercidas por diversos contextos e transfere HV em um processo contínuo ao longo do tempo (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017).

Para Pierce, Gould e Camiré (2017), o contexto esportivo, especificamente, influencia o desenvolvimento de HV a partir de três elementos: (a) Demandas inerentes do esporte; (b) Estrutura do programa; e (c) Características e estratégias dos treinadores. As demandas inerentes do esporte referem-se às experiências proporcionadas ao praticante a partir das características específicas das modalidades esportivas, como regras, fundamentos técnico-táticos, experiências competitivas, interações sociais, entre outras (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). A estrutura do programa contempla a maneira como os projetos esportivos são organizados e em que medida contribuem no processo de desenvolvimento de HV (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). Por fim, as características e estratégias de treinadores abrangem a filosofia, a relação interpessoal e as ações pedagógicas de treinadores no ambiente de treino (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017).

No caso do *rugby*, é possível que tanto a retórica promovida pela *World Rugby* quanto a contribuição da modalidade para o desenvolvimento do caráter dos praticantes se enquadrem no que Coakley (2015) chama de “grande mito do esporte”. Para o autor, há aproximadamente 150 anos existe uma crença internacionalmente difundida de que o esporte é inerentemente puro, benévolo e inevitavelmente influencia positivamente o praticante e sua comunidade (COAKLEY, 2015). Por esse motivo, não seria necessário analisá-lo de

4. A teoria bioecológica propõe diversos princípios, dimensões e processos que influenciam o desenvolvimento humano e é um dos marcos teóricos que fundamenta o conceito de HV.

maneira crítica, pois não há o que ser “corrigido” (COAKLEY, 2015). Contudo, a antítese identificada entre os princípios éticos e valores do *rugby* e determinadas práticas da modalidade evidenciam a necessidade de aprofundar investigações sobre até que ponto o *rugby*, enquanto contexto de prática esportiva, contribui para o praticante desenvolver HV. Apesar de já terem sido conduzidos estudos dessa natureza sobre outras modalidades, como o tênis (JONES; LAVALLEE, 2009), o jiu-jitsu (CHINKOV; HOLT, 2016) e o voleibol (NUNES *et al.*, 2021), ainda existe uma lacuna científica sobre o contributo psicossocial do *rugby*. No intuito de promover reflexões tanto no campo científico quanto no campo prático, este estudo objetiva compreender a percepção de praticantes de *rugby* sobre o potencial da modalidade para o desenvolvimento de HV.

## MÉTODOS

Este estudo qualitativo adotou uma abordagem narrativa de pesquisa. A abordagem narrativa está enraizada nas áreas humanas e sociais e caracteriza-se pela busca por significados atribuídos pelos participantes às experiências vivenciadas ao longo de suas vidas sobre determinado tema (CRESWELL, 2013). Entre os tipos de abordagem narrativa, optou-se pela “história oral” (*oral history*), o que implicou na investigação de histórias experienciadas pelos participantes no contexto do *rugby* e o impacto sustentado por estas em suas vidas (CRESWELL, 2013). Destaca-se que anteriormente à coleta de dados, todos os procedimentos metodológicos adotados neste estudo haviam sido aprovados pelo comitê de ética responsável (parecer 3.822.901).

## REFLEXÕES PARADIGMÁTICAS

Sob o ponto de vista paradigmático, este estudo se articula sob a ótica do construtivismo (DENZIN; LINCOLN, 2018). Isso envolve o reconhecimento da existência de realidades múltiplas e a

construção compartilhada do conhecimento a partir da percepção de diversos indivíduos que vivenciaram experiências únicas no *rugby* e dos próprios pesquisadores no processo analítico. Em termos práticos, a seleção dos participantes deste estudo não busca contar com uma amostra representativa da população, muito menos os resultados almejam representar a realidade vivenciada por todos os praticantes de *rugby* no Brasil. Neste sentido, a decisão de contar com a perspectiva de indivíduos que experienciaram o contexto do *rugby* em diferentes papéis se alinha ao paradigma construtivista e contribui para o enriquecimento e ampliação do corpo de dados coletados acerca do fenômeno investigado.

## PARTICIPANTES

Sete pessoas participaram do estudo, sendo duas do sexo feminino e cinco do sexo masculino. A seleção dos participantes contou com uma etapa proposital, na qual foram selecionados quatro participantes que tinham proximidade com o primeiro autor e contavam com pelo menos 15 anos de envolvimento intenso no contexto do *rugby*. A segunda etapa contou com o procedimento “bola de neve” (*snowball sampling*), no qual foram selecionados outros três participantes. O procedimento “bola de neve” caracteriza-se pela seleção de participantes a partir da indicação dos entrevistados anteriores, que orientam os pesquisadores sobre indivíduos em potencial para contribuir com a pesquisa conduzida (SPARKES; SMITH, 2014). Além de todos os sete participantes terem praticado *rugby* por um período de suas vidas (em média 14,1 anos,  $\pm$  8,4) em diversos níveis competitivos (estadual, nacional ou internacional), eles também se envolveram intensamente com a modalidade em diferentes papéis, entre eles: atleta, gestor, treinador, pesquisador, pai de atleta, filho de atleta e jornalista. A idade média dos participantes era de 39,9 anos ( $\pm$  10,7) e o tempo médio de envolvimento no contexto do *rugby* era de 23,1 anos ( $\pm$  6,3), somando os papéis de praticante e demais supracitados. No

intuito de manter o anonimato dos participantes, não serão apresentadas outras informações para caracterizá-los, tendo em vista o tamanho reduzido da comunidade do *rugby* brasileiro.

## PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A partir do aceite dos participantes para integrar a pesquisa e assinatura do termo de consentimento, entrevistas semiestruturadas foram conduzidas por meio de uma plataforma online de áudio e vídeo (*Google Meet*). Durante as entrevistas, o termo “HV” não foi utilizado, devido ao termo “valores” (adotado pelos pesquisadores) já se apresentar difundido na comunidade do *rugby* e possuir determinada similaridade conceitual com o que contemplam as HV, conforme detalhado por Ciampolini *et al.* (2020). As entrevistas foram orientadas a partir de um roteiro que contava com as três dimensões do modelo de transferência de HV (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017) e duraram 86 minutos em média ( $\pm 25,3$ ). Exemplos de perguntas são: “O que você destacaria como características do *rugby*?” e “Você acredita ter aprendido os valores do *rugby*?”. Todos os processos de coleta e análise dos dados foram conduzidos pelo primeiro autor, o qual, no momento da coleta, estava no quarto ano do curso de doutorado e possuía cinco anos de experiências anteriores com pesquisas qualitativas.

## ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados, optou-se pela Análise Temática Reflexiva (BRAUN; CLARKE, 2019, 2021) com delineamento indutivo, ou seja, os temas não foram estabelecidos *à priori*, mas sim gerados a partir do próprio processo analítico. Desse modo, a análise dos dados iniciou-se a partir da transcrição das entrevistas, o que resultou em um documento com 190 páginas (espaçamento simples). Após a transcrição, o primeiro autor fez a leitura



dos arquivos consecutivas vezes e escreveu notas iniciais que indicavam as primeiras reflexões sobre o corpo de dados. Com uma nova rodada de leitura, essas notas e outras reflexões sobre o texto deram origem aos primeiros códigos analíticos. Após a codificação das transcrições, o primeiro autor buscou gerar temas de acordo com a própria percepção de conexão e coerência entre os códigos criados. Em sequência, os temas gerados inicialmente foram revisados profundamente e uma nova rodada de leitura das transcrições foi feita para adicionar novas informações pertinentes, mantendo a homogeneidade interna (semelhança entre os códigos do mesmo tema) e heterogeneidade externa (dissimilaridade com os códigos dos demais temas) da análise. Ao considerar que os cinco temas criados se demonstravam desenvolvidos e se complementavam para contar uma história sobre o fenômeno investigado, passou-se para a etapa de redação dos resultados. Cabe ressaltar que todo esse processo foi realizado sob suporte do *software* NVivo (Versão 11).

Nesta etapa, os autores optaram por adotar as vinhetas compostas, as quais se caracterizam como uma estratégia de redação que se apropria da análise de dados conduzida para apresentar os resultados como uma história única contada em primeira pessoa (SPALDING; PHILLIPS, 2007). Assim, as vinhetas representam a percepção geral dos participantes ao mesmo tempo que usam trechos de suas entrevistas como base da redação (SPALDING; PHILLIPS, 2007). A utilização de vinhetas em estudos sobre a experiência de praticantes no contexto esportivo já é uma prática adotada nos últimos anos (EKENGREN *et al.*, 2019; NUNES *et al.*, 2021). Neste estudo, as vinhetas foram adotadas para enriquecer a experiência do leitor e aproximá-la de uma conversa informal com um personagem fictício que passou por experiências múltiplas no contexto do *rugby*. Considerando que cinco dos sete participantes deste estudo são do sexo masculino, adotou-se um personagem fictício do sexo masculino.

## RESULTADOS

### A QUALIDADE DO AMBIENTE DE PRÁTICA DO RUGBY

Quando penso nas minhas primeiras experiências no *rugby*, lembro de ser um ambiente acolhedor em que eu sempre me senti bem. Eu tenho a impressão de que as pessoas são sempre bem recebidas no *rugby*, mesmo quem não tem habilidade esportiva e não consegue nem andar em linha reta! Isso é até curioso de se pensar, porque teve uma época em que eu era bem mais novo que os outros meninos da equipe e entrava só nos últimos cinco minutos de jogo. Mesmo assim, o pessoal me incentivava e torcia por mim. Quando eu acertava algo em campo, eles falavam: “Boa! Isso aí!”. Isso foi uma das coisas que mais me cativou quando eu comecei.

Acho também que o convívio no clube é algo marcante do *rugby*, apesar de cada clube ter suas características. Por exemplo, alguns clubes prezam muito pela família e os jogadores levam os seus filhos para brincar com a bola de *rugby* no gramado, na lama e fazem um churrasco no clube até o anoitecer. Mas eu tenho a impressão de que são poucos os clubes de *rugby* que realmente proporcionam um espaço de prática esportiva e socialização, não porque o clube não quer, mas porque dificilmente ele tem a estrutura necessária, e em uma boa parte dos clubes do Brasil é um punhado de gente querendo jogar *rugby*, né?

Para mim, o *rugby* tenta se construir de uma forma que as pessoas que jogam sejam também boas pessoas, não só bons jogadores. Isso eu ouvi até no alto rendimento. Meu treinador falava: “Bom jogador eu acho e eu formo, é muito tranquilo, mas o que eu quero mesmo são pessoas boas dentro do grupo”. Mas é claro que não são todas as pessoas nem todas as práticas do *rugby* que são nota 10, como os próprios trotes feitos com os novatos. Eu mesmo tenho foto da minha primeira competição de *rugby*, em que fizeram uns cortes bizarros no meu cabelo e nos de mais três, e a gente tinha que ficar andando no hotel daquele jeito. Esses trotes até que são legais para a gente que é mais velho, mas não sei até que ponto é legal para essa nova geração e para os pais dessa geração.

## AS CARACTERÍSTICAS E REGRAS MARCANTES DO RUGBY

Quando se fala de *rugby*, a primeira coisa que normalmente vem à cabeça das pessoas é o contato físico. Mas para mim, o *rugby* é um esporte que te faz aprender a lidar com o coletivo. As características do jogo te levam a respeitar o corpo dos outros e a reconhecer a importância deles para o sucesso do grupo. O gordinho, por exemplo, é super importante. Ele é tão importante quanto o magrinho que corre rápido. No feminino, o talento individual ajuda bastante, mas não supera o trabalho coletivo. Não dá para uma menina fazer uma finta e sair correndo sozinha igual no masculino, ela precisa do trabalho coletivo para já pegar a bola em velocidade e passar pela defesa adversária. No *scrum*<sup>5</sup> também! Às vezes, um jogador mexe um pé e os oito vão para o chão... É impressionante!

Quando eu entrei no *rugby*, sempre me falaram que ele tinha valores e que deveríamos respeitar o árbitro. Essa foi a primeira coisa. Como o *rugby* é uma modalidade de bastante contato físico, existem diversos pontos de atrito que podem levar os jogadores a brigar, como o *tackle*<sup>6</sup>, o *ruck*<sup>7</sup> e o *scrum*. Assim, cria-se a necessidade de estabelecer regras rígidas que orientem os contatos físicos permitidos e o diálogo entre jogadores e árbitros para o bom andamento da partida. No *rugby*, só o capitão ou o *hooker*<sup>8</sup>, durante o *scrum*, podem falar com o árbitro e todo mundo leva isso muito a sério. Você pode ter arrumado quantas brigas você quiser dentro de campo com outros jogadores, mas o dia em que você agredir um árbitro, você está banido do esporte para o resto da vida e ninguém vai te respeitar.

## O TERCEIRO TEMPO COMO UM CATALISADOR DE RELAÇÕES

Mesmo que nos 80 minutos de jogo (ou nos 14 minutos do *seven*) esteja um jogador querendo arrancar a cabeça do outro,

5 Formação entre os jogadores de ambas as equipes para disputar a posse de bola e reiniciar a partida após uma infração.

6 Ação utilizada pelos jogadores da equipe defensora para levar ao solo o adversário portador da bola, normalmente, abraçando/segurando suas pernas com os dois braços.

7 Ação normalmente originada após um jogador receber um *tackle* em que se busca manter ou disputar a posse de bola.

8 Uma das posições dos atacantes no *rugby*. O *hooker* participa do *scrum* e é responsável por chutar a bola para sua equipe.

no terceiro tempo isso acaba. O terceiro tempo é muito bom para tirar toda a carga de uma derrota, de uma vitória, de uma briga, de um erro e para resolver qualquer problema que aconteceu dentro de campo. Aquele soco, pisão ou cabeçada não é o fim! Aquilo é uma parte de um todo e o todo é você se relacionar bem com as pessoas. Você depende das outras pessoas. O *rugby* é uma comunidade pequena no Brasil, não dá para ninguém passar por cima<sup>9</sup> de ninguém. Quer dizer... Você até quer passar por cima do outro, mas só dentro de campo, depois você precisa que ele esteja ali, até para que você possa passar por cima dele de novo (risos), ou para que ele passe por cima de você! E tudo bem, cara, está tudo certo! Essa cultura que se promove no terceiro tempo é um pouco disso: resolve o que tem e “bora” para a próxima!

No final das contas, o terceiro tempo ajuda na socialização e na criação de laços de amizade. Como o *rugby* foi amador por muito tempo, não se tinha ganho material. O que se ganhava, na verdade, eram os contatos, o que levava muita gente até a conseguir emprego por conta do *rugby*. É uma pena que com o profissionalismo do *rugby* o terceiro tempo tenha perdido um pouco dessa essência. Como agora tem jogo que a equipe viaja de ônibus fretado ou de avião, não existe aquela flexibilidade nos horários e às vezes os jogadores precisam ir embora logo depois do jogo. Antes, como cada um ia com seu carro, era mais fácil para o pessoal ficar para o terceiro tempo.

## OS VALORES DO RUGBY E A INTERVENÇÃO DE TREINADORES

Muito se fala que o *rugby* é um esporte de valores né? Bom, eu não sei se é exatamente “um esporte de valores”, mas eu acredito que o *rugby* tem um grande potencial para desenvolver diversos valores que não são só os DRIPS. Até porque os DRIPS são os valores definidos pela *World Rugby* para o jogo, para o período em que soa o apito inicial e o apito final da partida. Para mim, praticar e fa-

<sup>9</sup> O participante se referiu a “passar por cima” como o ato de derrubar o adversário defensor que busca “*tackleá-lo*”.

zer parte da comunidade do *rugby* ajuda a desenvolver muito mais que cinco valores. Mas, acho também que depende muito da pessoa que está treinando você, que muitas das vezes é alguém que nem é formado, né? A gente tem a tendência de tratar os valores da forma que a gente aprendeu, então dificilmente os clubes de *rugby* contam com um treinador que realmente introduz um novato falando: “no *rugby*, nossos valores são esses e acontece isso, isso, isso”. Sabe? Não é dessa forma planejada, explícita, é mais na vivência ali naquele contexto.

Mas assim, como eu disse, o principal fator nesse desenvolvimento de valores é o treinador. Não sei como é em outros países, mas aqui no Brasil você vai ver treinador ensinando a dar soco no *ruck*, dar *tackle* francês<sup>10</sup> de um jeito que possa quebrar o pé, fazendo assédio moral<sup>11</sup>... Só que ele não faz com o intuito de ser assédio, porque ele está acostumado a se comunicar daquele jeito, só que hoje isso não cabe mais! No alto rendimento mesmo, tem algumas coisas que a gente ouve que, nossa! (risos)... Aquele mesmo treinador que queria boas pessoas para a equipe, falava: “vai com um *tackle*, vai alguém no joelho, tira esse cara de campo que eu não quero ele incomodando no jogo, ele é um jogador chave da equipe deles”, mas isso dentro da regra, né? Eu tenho a impressão de que isso é algo que acontece mais no masculino. Eu vejo que, no alto rendimento, o *rugby* continua sendo um esporte de valores, mas eu de verdade não sei dizer onde fica o limite do que é íntegro dentro do alto rendimento e o que não é!

## O LEGADO DOS PRATICANTES AO RUGBY E DO RUGBY AOS PRATICANTES

A maneira como o *rugby* acontece no Brasil é diferente de outros países. Aqui, como tudo ainda é muito amador, os jogadores normalmente precisam se envolver com tarefas extracampo do clu-

10 O *tackle* francês é uma variação do *tackle*, que consiste no toque nas pernas do adversário, com apenas um dos braços, para que ele tropece e caia no chão.

11 O participante se referiu a assédio moral como o ato de agredir verbalmente o praticante.

be para que ele continue existindo e se desenvolva. Então, a gente acaba se envolvendo com diretoria, treinando os mais novos, ajudando no terceiro tempo, preparando o campo, organizando festival... E claro, muitas vezes (se não todas) sem receber nada por isso! Pois é, e se ouve frequentemente também que o *rugby* te dá muito e vai chegar o momento que você vai devolver muito ao *rugby*. E é isso mesmo! Acho que todo mundo que joga *rugby* tem esse sentimento de paixão e se envolve, gasta tempo e dinheiro do próprio bolso, e dá uma força para que o *rugby* cresça e permaneça vivo.

Uma das principais coisas que o *rugby* te dá são os valores, mas como eu já disse, o *rugby* te ensina mais que cinco valores. Digo isso porque consigo perceber como levo os DRIPS e outros ensinamentos para fora do esporte. Por exemplo, eu aprendi muito no *rugby* a disciplina de fazer as coisas e cumprir minhas tarefas, mesmo que as pessoas não vejam. Por exemplo, eu odiava correr quando eu era atleta, mas eu fazia todos os treinos físicos que o treinador me passava. Ninguém estava lá vendo se eu estava ou não fazendo os treinos e, se eu não fizesse, ninguém ia ficar sabendo... mas eu fazia! Hoje em dia, eu tenho algumas metas diárias que estabeleço para mim mesmo, como ler um pouco de um livro ou assistir uma videoaula enquanto faço “cardio” na academia. Isso é regra minha e eu não durmo até terminar! Outro exemplo é que no *rugby*, a gente também falava: “chegou na hora, está atrasado”. Então, eu aprendi a chegar pelo menos cinco ou 10 minutos antes dos compromissos. Hoje, no meu trabalho, eu sou aquela pessoa pontual que bate ponto no horário todos os dias. Eu gosto de chegar antes dos meus clientes e, inclusive, já até recebi elogios deles por isso!

Outra coisa que o *rugby* me ajudou a desenvolver, e talvez aí tenha um pouco mais de influência das demandas do alto rendimento, é a capacidade de me acalmar em situações estressantes. A minha demanda no trabalho é absurda e às vezes a minha chefe está enlouquecendo e eu estou lá super tranquilo. Mas as situações de estresse no trabalho não estão nem perto do que é jogar um campeonato mundial, né? Eu até tenho preocupações a nível

estadual, mas ainda é diferente, não é que eu vou perder uma classificação olímpica porque eu gaguejei em uma apresentação no trabalho (risos)... Eu também aprendi a enxergar o ponto forte das pessoas para trabalhar em equipe. Eu tenho dificuldade em escrever algumas coisas e eu trabalho com uma menina que é ótima na escrita, mas péssima em tabela e números. Então, eu faço os números para ela enquanto ela escreve um texto para mim. É igual no esporte que a gente pega os pontos positivos de cada um da equipe, né?

## DISCUSSÃO

A partir do objetivo deste estudo de compreender a percepção de praticantes de *rugby* sobre o potencial da modalidade para o desenvolvimento de HV, identificou-se que, de fato, a prática do *rugby* possibilitou o desenvolvimento de HV que extrapolam os DRIPS. Especificamente, foram relatados exemplos de transferência de HV como disciplina, pontualidade, controle emocional, paixão e trabalho em equipe para o contexto de trabalho atual dos participantes. Estes resultados parecem ir ao encontro da epígrafe deste estudo, assim como de estudos anteriores sobre o desenvolvimento de HV a partir do envolvimento no contexto esportivo (CHINKOV; HOLT, 2016; JONES; LAVALLEE, 2009; NUNES *et al.*, 2021). Contudo, a antítese mais uma vez identificada entre os aspectos positivos e negativos do *rugby* (ALMEIDA, 2008; CARLE; NAURIGHT, 1999; ROMAND; PANTALÉON, 2007) reforça a necessidade de questionar o grande mito do esporte, como sugerido por Coakley (2015), e engajar em debates e investigações críticas sobre até que ponto o contexto esportivo oferece um ambiente positivo aos seus praticantes e até que ponto necessita ser modificado.

No caso das demandas inerentes ao esporte, identificou-se a influência de praticantes com diferentes biotipos, a rigidez de determinadas regras de respeito aos árbitros e a socialização no terceiro tempo. Destas, é possível que o reconhecimento e utiliza-

ção dos potenciais de diferentes biotipos tenha facilitado o desenvolvimento e transferência do trabalho em equipe. Esses achados fortalecem o estudo de Carle e Nauright (1999), o qual já havia identificado que a dinâmica do jogo de *rugby* exige o suporte contínuo entre os atletas para o sucesso da equipe, sobretudo em situações de *tackle* e *ruck*. Ao mesmo tempo que esta pode ser uma demanda potencializada no *rugby*, estudos anteriores conduzidos no voleibol e basquetebol também reconheceram a contribuição no desenvolvimento e transferência do trabalho em equipe (KENDELLEN; CAMIRÉ, 2019; NUNES, 2021). Segundo Gaffney (2015), o trabalho em equipe é um constructo que se manifesta de diferentes formas no esporte, podendo ser representado desde a ação individual e somatória de membros de uma equipe (como nas competições de ginástica artística por equipes) até a ação conjunta por meio de diferentes papéis (como o levantador e o central, no voleibol). Assim, sugere-se que como outras modalidades, o *rugby* proporciona demandas esportivas que contribuem para o desenvolvimento do trabalho em equipe. Ao mesmo tempo, ressalta-se a necessidade de avanços científicos acerca da contribuição de diferentes modalidades no desenvolvimento dessa HV.

Apesar de o terceiro tempo contar com um período de privação às mulheres (DUNNING; SHEARD, 2005) e ter sido reportado negativamente nos estudos de Saouter (2003) e Rial (2011) devido aos trotes, os resultados deste estudo se aproximam de Almeida (2008), sobretudo no que diz respeito ao potencial do terceiro tempo como um ambiente de socialização no *rugby*. Contudo, a dificuldade de participação dos atletas devido ao profissionalismo do *rugby* e o deslocamento de avião para as competições podem ser resultado da influência da dimensão de tempo presente no modelo de transferência de HV (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). Segundo os autores, esta dimensão pode contribuir ou dificultar o desenvolvimento de HV e inclui desde a permanência do praticante no contexto esportivo até as mudanças societárias ao longo das décadas (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). No caso deste estudo, a dimensão de tempo parece contribuir para o desenvolvimento de HV a partir



da transformação do terceiro tempo em um ambiente mais positivo e inclusivo. Por outro lado, a mudança no deslocamento dos atletas para as competições pode estar inviabilizando a manutenção do terceiro tempo como um importante componente das tradições do *rugby* e, por consequência, limitando o desenvolvimento de HV basilares da modalidade, como o respeito e a solidariedade.

No que se refere ao elemento da estrutura do programa, identificou-se como aspectos positivos a receptividade e incentivo à novos jogadores e o envolvimento e convívio no clube de *rugby*. Similarmente, Carle e Nauright (1999) haviam identificado que a prática de *rugby* favorecia a formação de amizades e as interações sociais entre os jogadores no ambiente de clube. Se, por um lado, o engajamento dos praticantes com as tarefas do clube pode representar um envolvimento cívico e a possibilidade de retribuir ao *rugby* o que lhe foi proporcionado, por outro lado, os poucos recursos dos clubes (físicos e humanos) e a falta de formação dos profissionais é um dado alarmante. Para Petitpas *et al.* (2005), a efetividade de um programa esportivo depende de um ambiente estruturado de maneira apropriada, do suporte de adultos capacitados, de oportunidades para desenvolver HV e de processos claros de avaliação. Assim, programas estruturados adequadamente possuem maiores chances de promover o desenvolvimento esportivo dos praticantes e, sobretudo, de desenvolver HV (KRAMERS; CAMIRÉ; BEAN, 2020). Devido ao posicionamento paradigmático construtivista deste estudo, não se sabe até que ponto os resultados apresentados representam a realidade atual dos clubes brasileiros de *rugby*. De qualquer modo, é importante que as entidades representativas estaduais e nacionais se atentem a estes dados e verifiquem em que medida os clubes necessitam de suporte para estruturar programas adequados tanto para jovens praticantes quanto para adultos (PALHETA *et al.*, 2020).

Ademais, os resultados que se enquadram no elemento de características e estratégias de treinadores também parecem demonstrar uma relação ambígua. Inicialmente, a intenção dos treinadores de buscar não apenas bons jogadores, mas principalmen-

te boas pessoas, parece ilustrar um dos princípios éticos do *rugby* reportado anteriormente por treinadores da modalidade (BENNIE; O'CONNOR, 2010; MARTIN; CAMIRÉ, 2020; ROMAND; PANTALÉON, 2007). Assim como identificado neste estudo, esse princípio parece alcançar até o esporte de alto rendimento, visto que os treinadores de *rugby* da seleção da Nova Zelândia acreditam que “pessoas melhores dão melhores *All Blacks*<sup>12</sup>” (KERR, 2016, p. 60). Neste cenário, o fato de o *rugby* contar com os DRIPS poderia somar ao potencial da modalidade para o desenvolvimento de HV dos praticantes. Contudo, o que parece ocorrer na prática é a orientação para atitudes agressivas contra os adversários (ROMAND; PANTALÉON, 2007) e a ausência da intencionalidade pedagógica para promover o ensino dos DRIPS ou de outras HV (MARTIN; CAMIRÉ, 2020). Mesmo que os participantes deste estudo tenham declarado o desenvolvimento de diversas HV que extrapolam os DRIPS, é fundamental que essa relação ambígua seja debatida pela comunidade do *rugby* para inibir comportamentos que não estejam de acordo com os princípios éticos da modalidade. Por fim, suporte deve ser oferecido pelas entidades representativas do *rugby* brasileiro e internacional, de modo a capacitar os treinadores da modalidade a promover o desenvolvimento de HV.

## CONCLUSÃO

Ao mesmo tempo em que os participantes do presente estudo ressaltaram diversos aspectos positivos do *rugby*, também foram destacadas algumas práticas que parecem não estar de acordo com determinados princípios éticos e valores pregados pela modalidade. Isto reflete a necessidade do discernimento de que não há nada “mágico” por trás do esporte, pois, enquanto prática sociocultural, ele assume a forma e sentido que o é dado pelos que o lhe mediam e praticam, seja uma atividade socioeducativa ou um ambiente de “vitória a qualquer custo”. Assim, o esporte não é um contexto livre de ações imorais ou do fomento a comportamentos negativos. Ao

12 *All Blacks* é o termo utilizado para se referir aos atletas da seleção adulta de *rugby* da Nova Zelândia.

refletir sobre os resultados deste e de outros estudos conduzidos anteriormente, mesmo que com algumas condutas controversas, parece que o ambiente proporcionado ao praticante de *rugby* possui elevado potencial para o desenvolvimento de HV. Isso se deve, sobretudo, às demandas de coletividade do jogo, à receptividade aos novos praticantes, à socialização no terceiro tempo, ao convívio no clube e às regras de comunicação com a arbitragem. Portanto, acredita-se que estes resultados retratam, de certo modo, a afirmação apresentada na epígrafe deste estudo acerca do contributo do *rugby* no desenvolvimento do caráter dos praticantes.

No que se refere às limitações dos procedimentos metodológicos adotados neste estudo, cabe apontar que, por contar com um número reduzido de participantes, não é possível identificar até que ponto os relatos se aproximam da realidade atual do *rugby* brasileiro em todo o país. Sendo assim, sugere-se a condução de estudos com treinadores e atletas em atividade em diversas regiões do território nacional. Além disso, é importante elaborar estudos mais localizados para investigar um número reduzido de clubes de *rugby*, contemplando sua estruturação, a intervenção dos treinadores *in loco* e o desenvolvimento de HV dos participantes. Por fim, tendo em vista que o esporte é apenas um dos contextos a influenciar o desenvolvimento humano (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017), estudos futuros devem incluir o *rugby* em um conjunto de outros contextos (família, escola e comunidade) e processos (experiências e relações humanas) para analisar em que medida a modalidade influencia o desenvolvimento de HV.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. R. **Fortes, aguerridas e femininas:** Um olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de rugby em um clube de Porto Alegre. 2008. 140f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

BENNIE, A.; O'CONNOR, D. Coaching philosophies: Perceptions from professional cricket, rugby league and rugby union players and coaches in Australia. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Reino Unido, v. 5, n. 2, p. 309-320, 2010.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, Reino Unido, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Can I use TA? Should I use TA? Should I not use TA? Comparing reflexive thematic analysis and other pattern-based qualitative analytic approaches. **Counselling and Psychotherapy Research**, Estados Unidos, v. 21, n. 1, p. 37-47, 2021.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The ecology of developmental process *In*: DAMON, W.; LERNER, R. M. (ed.). **Handbook of child psychology: volume 1. Theoretical models of human development**. 5 ed. New York: John Wiley, 1998. p. 993-1028.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The bioecological model of human development. *In*: DAMON, W.; LERNER, R. M. (ed.). **Handbook of child psychology: volume 1. Theoretical models of human development**. 6 ed. New York: John Wiley, 2006. p. 793-828.

CARLE, A.; NAURIGHT, J. Crossing the line: women playing Rugby Union *In*: CHANDLER, T. J. L.; NAURIGHT, J. (ed.). **Making the rugby world: race, gender, commerce**. Abingdon: Routledge, 1999. cap. 7, p. 128-148.

CHINKOV, A. E.; HOLT, N. L. Implicit transfer of life skills through participation in Brazilian jiu-jitsu. **Journal of Applied Sport Psychology**, Reino Unido,, v. 28, n. 2, p. 139-153, 2016.

CIAMPOLINI, V. *et al.* O que são life skills e como integrá-las no esporte brasileiro para promover o desenvolvimento positivo de jovens? **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 31, n. 1, p. 1-12, 2020.

COAKLEY, J. Assessing the sociology of sport: on cultural sensibilities and the great sport myth. **International Review for the Sociology of Sport**, Reino Unido, v. 50, n. 4-5, p. 402-406, 2015.

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry & research design**: choosing among five approaches. 3 ed. Thousand Oaks: SAGE, 2013. 448 p.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S., (ed). **The SAGE handbook of qualitative research**. 5 ed. Thousand Oaks: SAGE, 2018. 1694 p.

DUNNING, E.; SHEARD, K. **Barbarians, gentlemen and players**: a sociological study of the development of rugby football. 2 ed. Abingdon: Routledge, 2005. 272 p.

EKENGREN, J. *et al.* Composite vignettes of Swedish male and female professional handball players' career paths. **Sport in Society**, Reino Unido, v. 23, n. 4, p. 595-612, 2019.

GAFFNEY, P. The nature and meaning of teamwork. **Journal of the Philosophy of Sport**, Reino Unido, v. 42, n. 1, p. 1-22, 2015.

GOULD, D.; CARSON, S. Life skills development through sport: current status and future directions. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, Reino Unido, v. 1, n. 1, p. 58-78, 2008.

JONES, M. I.; LAVALLEE, D. Exploring perceived life skills development and participation in sport. **Qualitative Research in Sport and Exercise**, Reino Unido, v. 1, n. 1, p. 36-50, 2009.

KENDELLEN, K.; CAMIRÉ, M. Applying in life the skills learned in sport: a grounded theory. **Psychology of Sport and Exercise**, Holanda, v. 40, p. 23-32, 2019.

KERR, J. **Legado**: 15 lições sobre liderança que podemos aprender com o time de rugby All Blacks. 1 ed. São Paulo: Benvirá, 2016. 270 p.

KRAMERS, S.; CAMIRÉ, M.; BEAN, C. Examining program quality in a national junior golf development program. **International Sport Coaching Journal**, Reino Unido, v. 7, n. 2, p. 139-150, 2020.

MARTIN, L.; CAMIRÉ, M. Examining coaches' approaches to teaching life skills and their transfer in youth sport. **The Sport Psychologist**, Estados Unidos, v. 34, n. 4, p. 276-287, 2020.

NUNES, E. L. G. *et al.* Composite vignettes of former Brazilian high-performance volleyball athletes' perspective on life skills learning and transfer. **Journal of Sports Sciences**, Reino Unido, v. 39, n. 23, p. 2674-2682, 2021.

PALHETA, C. E. *et al.* Between intentionality and reality to promote positive youth development in sport-based programs: a case study in Brazil. **Physical Education and Sport Pedagogy**, Reino Unido, v. 26, n. 2, p. 197-209, 2020.

PETITPAS, A. J. *et al.* A framework for planning youth sport programs that foster psychosocial development. **The Sport Psychologist**, Estados Unidos, v. 19, n. 1, p. 63-80, 2005.

PIERCE, S.; GOULD, D.; CAMIRÉ, M. Definition and model of life skills transfer. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, Reino Unido, v. 10, n. 1, p. 186-211, 2017.

RAYNER, M. **The impact of professionalisation on elite level rugby union: players' perspective.** 2015. Tese (Doctor of Philosophy) – Department of Sport and Exercise Science, University of Portsmouth, Portsmouth, 2015.

RIAL, C. S. Rúgbi e judô: Esporte e masculinidade *In*: PENTEADO, F. M.; GATTI, J. (ed.). **Masculinidades, teoria, crítica e artes.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 199-221.

ROMAND, P.; PANTALÉON, N. A qualitative study of rugby coaches' opinions about the display of moral character. **The Sport Psychologist**, Estados Unidos, v. 21, n. 1, p. 58-77, 2007.

RYAN, G. Introduction. *In*: RYAN, G. (ed.). **The changing face of Rugby: the union game and professionalism since 1995**. Newcastle, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2009. p. IX-XII.

SAOUTER, A. A mãe e a prostituta: Os homens, as mulheres e o rugby. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 37-52, 2003.

SPALDING, N. J.; PHILLIPS, T. Exploring the use of vignettes: from validity to trustworthiness. **Qualitative Health Research**, Estados Unidos, v. 17, n. 7, p. 954-962, 2007.

SPARKES, A. C.; SMITH, B. **Qualitative research methods in sport, exercise and health: from process to product**. Abingdon: Routledge, 2014. p.

SUGDEN, J. Critical left-realism and sport interventions in divided societies. **International Review for the Sociology of Sport**, Reino Unido, v. 45, n. 3, p. 258-272, 2010.

WORLD RUGBY. **Rugby's values**. 2014. Disponível em: <http://www.world.rugby/news/35282>. Acesso em: 3 fev 2020.

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.